MUNICÍPIO DE MACHADO

Quadro II – PROTEÇÃO

B) Processos de Tombamento de Bens Materiais, na esfera municipal

“Castelinho de Machado”

Praça Antônio Carlos

Bem Móvel e Integrado

Deliberação Normativa 06/2018

Exercício 2020

Sumário

1. Introdução **01**

2. Caracterização do bem cultural **02**

2.1. Histórico do município e do bem cultural 02

2.2. Descrição detalhada do bem cultural 38

2.3. Justificativa para tombamento 46

3. Documentação Cartográfica **47**

4. Diretrizes de conservação e restauração **49**

5. Ficha técnica **50**

6. Referências bibliográficas **51**

7. Notificação **52**

8. Cópia da ata do Conselho aprovando **54**

9. Cópia da homologação do tombamento e comprovação de sua publicidade **58**

10. Cópia da inscrição do bem no livro de Tombo **59**

1. Introdução

O presente Dossiê de Tombamento do “Castelinho de Machado” está inserido nas atividades desenvolvidas pelo município de Machado/MG a fim de registrar as informações e proteger seu patrimônio cultural. O dossiê possui o resultado das pesquisas realizadas sobre o município de Machado e o seu Castelinho através da compilação de informações históricas, iconográficas, cartográficas e descritivas. A presente documentação é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Machado com o apoio do Conselho do Patrimônio Cultural.

O Castelinho de Machado, localizado à Praça Antônio Carlos, foi construído por Tirteo Zanon na década de 1940. Ao longo dos anos, a Praça Antônio Carlos passou por inúmeras transformações, incorporando os empreendimentos da época e o processo de urbanização e desenvolvimento de Machado. Entretanto, o Castelinho permanece, atravessando gerações.

O bem foi tombado como patrimônio cultural de Machado devido ao grande apreço que a comunidade tem por este bem, uma vez que está integrado a um importante espaço de sociabilidade da cidade de Machado. Das décadas passadas até os dias atuais, o Castelinho é entendido como importante cartão postal da cidade de Machado e estimado pelos cidadãos que nos grupos destinados à valoração e salvaguarda da história local, sempre o citam envolvido de afetividades e narrativas voltadas à sua estética que se destaca no centro machadense.

No dia 20 de novembro de 2018 ocorreu a inscrição do Bem Móvel e Integrado "Castelinho de Machado" no Livro do Tombo Municipal, conforme decisão unânime do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado. O Registro foi homologado pelo Decreto Municipal nº 5812 de 19 de novembro de 2018. Nos termos da Lei Municipal nº 2755/2017, ficou conferido ao bem o título de "Patrimônio Cultural de Machado".

Com o presente trabalho, o Município de Pratápolis busca o reconhecimento do IEPHA/MG acerca do Tombamento do “Castelinho de Machado” em nível municipal, o que desde já requer e pede deferimento pela aceitação.

2. Caracterização do bem cultural

2.1. Histórico do município e do bem cultural

O território onde hoje se encontra o município de Machado fazia parte, teoricamente, da Capitania de São Tomé. Com o desenvolvimento colonial, além da existência das capitanias hereditárias, outras capitanias foram criadas através de diversos meios: desmembramento das primeiras, compra, confisco. O sistema de capitanias hereditárias vigorou até meados do século XVIII, sendo abolido sob atuação do Marques de Pombal.

Com a descoberta de ouro, várias expedições e bandeiras adentraram no território que seria nomeado como Capitania das Minas Gerais. Todavia, seus primeiros exploradores não atingiram a capitania pelo sul; já no século XVII, várias expedições vindas de São Paulo utilizaram essa rota, dentre elas, a de Fernão Dias "Caçador de Esmeraldas". Segundo Ricardo Rebello, essa expedição não passou pelas terras onde hoje se encontra Machado. Diferentemente de locais como Ribeirão do Carmo e Vila Rica que tinham a sua economia pautada na extração aurífera, o sul das Minas expandiu-se devido à agricultura e ao pastoreio[1]. O território sul-mineiro fazia parte da Comarca do Rio das Mortes, instituída em 1714, tendo como sede a Vila de São João del Rey. Compreendia os termos de Jacuí, Baependi, Campanha da Princesa, Barbacena, Queluz, Nossa Senhora de Oliveira, São José do Rio das Mortes e Tamanduá.

Os colonizadores que adentraram o sul de Minas nas cercanias do município de Machado ocuparam as faixas de terra banhadas pelo ribeirão "Jacutinga" e pelo Rio "Machado". Segundo João Rodrigues de Carvalho[2], foi nesse local, devido às boas terras, que teve o início da colonização de toda região. Dessa forma, está presente nos

[1] Afirmar que Vila Rica, por exemplo, tinha como base econômica a extração aurífera não significa dizer que na localidade não havia atividades agropastoris. Geralmente, as diferentes atividades acontecem concomitantemente. Tanto que período de destaque do ouro se deu até a década de 30 do século XVIII, sofrendo um ligeiro declínio na década de 40 que se intensificou, culminando em 63, data onde, pela primeira vez, o quinto não atingiu a cota de 100 arrobas anuais (SOUZA, 1981, p. 75). Entretanto, é justamente a partir da década de 40, em pleno declínio do ouro, que, segundo Adalgisa Arantes Campos (1996), surgiram nas principais vilas da capitania mineira as Ordens Terceiras de São Francisco da Penitência e de Nossa Senhora do Carmo. Foram essas ordens leigas que, durante a segunda metade do século XVIII, promoveram o mecenato artístico nas Minas Gerais, através de seus próprios recursos financeiros. A partir disso é possível perceber que nas áreas de mineração havia outras atividades econômicas que também sustentavam as vilas e arraiais.

[2] CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado,1985.

discursos proferidos pelos machadenses que pesquisam sobre sua história e seus fundadores que os primeiros registros históricos relativos à Machado datam de 1750. Nesse período suas terras passaram ao domínio definitivo da capitania de Minas Gerais, depois de inúmeros conflitos com os paulistas. Durante o período relatado, Machado era apenas ponto de parada de tropeiros e boiadeiros.

Dos primeiros povoadores à emancipação

José Ferreira de Carvalho e sua mulher D. Miquelina Alexandre de Jesus foram os primeiros colonos que se tem notícia. Muitas outras famílias adentraram no território posteriormente, todavia, podemos destacar a presença de Custódio José Dias, o Capitão-mor, que possuía grande propriedade de terra onde hoje é denominada "Caiana", tendo por sede a "Fazenda Cachoeira" e Dona Ana Margarida, proprietária de grandes partes de terra que constituíam a "Zona do Jacutinga".

As hipóteses a respeito do topônimo "Machado" são diversas. Embora não se tenha chegado à confirmação é de grande importância conhecer os mitos de origem que perpassam as gerações de machadenses sobre a construção da sua própria história. Nesse caso, por fazer parte da tradição oral, as versões do fato são tão importantes quanto o fato em si. A primeira hipótese faz referência a alguns viajantes que ao atravessarem o rio perderam um machado, nomeando-o, posteriormente, de "Rio Machado". Assim, o território de sua cercania recebeu a mesma nomeação quando povoado.

Na segunda hipótese muda-se apenas o protagonista em relação à primeira. O protagonista da perda do machado teria sido um escravo que vivia em alguma fazenda ou sítio próximo. Já a terceira hipótese seria que o topônimo deve-se ao nome de uma família "Machado", proprietária de terras às margens do rio que adquiriu esse nome em alusão à família.

A despeito das hipóteses que permeiam o imaginário machadense, uma das primeiras referências ao território encontra-se no Arquivo Público Mineiro. Nos dias 8 de maio de 1787 foi assinada em Vila Rica a nomeação do primeiro guarda-mor dos rios Machado e Dourado. Francisco Costa Santo, o referido guarda-mor, viveu na região até seu falecimento em 1808. Já a denominação "Campos de Machado" está presente na Carta Patente do Alferes João Antônio Soares no ano de 1808. Entre 1810 e 1815 se

iniciou o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nas fazendas pertencentes ao tenente Antônio Moreira de Souza Ribeiro e Joaquim José dos Santos[3].

A formação do arraial se deu com a cessão de terras por parte de Dona Ana Margarida Josefa de Macedo para a construção de uma capela. A partir desse ocorrido é que se atribui ao tenente Antônio Moreira, Joaquim dos Santos e Ana Margarida como fundadores do povoado, embora o território já tivesse sido habitado por outros moradores:

> Como tantas outras cidades, Machado não surgiu num momento exato, predeterminado. Não é fruto da ação isolada de uma pessoa, mas resulta do esforço contínuo e anônimo de muitas. Entretanto, quiçá pela capacidade de liderança e empreendimento, o Tenente Antônio Moreira de Souza Ribeiro e Joaquim José dos Santos são tradicionalmente considerados os seus fundadores, ao lado de Ana Margarida Josefa de Macedo, doadora das terras à capela[4].

Embora Ana Margarida tivesse doado parte do seu patrimônio para a construção da capela, foi necessária a licença do Bispo D. Mateus de Abreu Pereira, da diocese de São Paulo, para que ela pudesse ser erguida. A licença foi concedida em entre 1816-1818[5] e veio a oficializar a fundação do arraial dentro das normativas eclesiásticas vigentes no período. Segundo Rebello

> É certo que Machado cresceu em torno da Capela da Sacra Família. Discute-se, porém, se surgiu antes ou depois de sua ereção. O tema parece insolúvel; não se pode estabelecer a data precisa em que teve início o povoado. Bernardo Saturnino da Veiga fixou-a no final de 1816, em seu segundo Almanaque[6].

A capela foi edificada em devoção e sob proteção da Sagrada Família. Segundo Carvalho, ela era simples e de taipa, localizada no lugar indicado pelo padre Inácio Ribeiro do Prado Siqueira, da Freguesia de Cabo Verde. Sua escritura data de 1820, mas não menciona a área; segundo a tradição, era de nove alqueires. Em respeito às leis da Igreja, além da construção de templos, os sacerdotes deviam construir seu patrimônio.

---

[3] CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985, p. 23-24.
[4]REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio. Machado: 2006, p. 55.
[5]Existe uma imprecisão no que toca a data de fundação de Machado. Os dados presentes no site da Prefeitura e nas obras de Carvalho (1985) e Rebello (2006) inserem a fundação entre os anos de 1816-1818.
[6] REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio. Machado: 2006, p. 53.

Dessa forma, Padre Martins[7] comprou de Ana Margarida terras, casa de morada e benfeitorias pelo preço total de quatrocentos e cinco mil réis[8].

Em 5 de agosto de 1852 a Capela da Sacra Família foi elevada a Curato[9]. Já em três de julho1857, pela Lei Provincial nº 809, o Curato da Sacra Família do Machado passou a ser Freguesia, elevando-se à categoria de Distrito e, conseqüentemente, de Paróquia. Com a Lei Provincial 2.684, de 30 de novembro de 1880, a freguesia foi elevada à vila. E, finalmente, em 13 de setembro de 1881, foi decretada a emancipação político administrativa de Machado, que fazia, até então, parte de Alfenas.

Aspectos religiosos

Como já mencionamos, a capela primitiva de Machado foi edificada no início do século XIX nas terras doadas por Ana Margarida. Essa capela era simples, pequena, e de taipa. Ficava na parte superior da atual Praça Antônio Carlos, situada onde depois se instalou a primeira fonte luminosa. Erigida em devoção à Sacra Família adquiriu sua imagem apenas em 1833. Não se tem conhecimento sobre o tempo de duração dessa edificação que se tornou matriz com a criação da Freguesia. Todavia, consta que em 1874 essa capela não mais existia, pois no período a Igreja do Rosário servia como matriz enquanto os alicerces da nova estrutura estavam sendo construídos.

Jardim da Praça Antônio Carlos, 1908. Acervo da Casa da Cultura.

[7] Padre José Antônio Martins foi o primeiro capelão de Machado.
[8] REBELLO, op. cit. p.59.
[9] Termo religioso, derivado de cura ou padre. Utilizado para designar aldeias e povoados com as condições necessárias para se tornar uma freguesia - ou seja, tornar-se distrito de um município.

Não se sabe quanto tempo durou a construção da matriz que substituiu a capela primitiva. Entretanto, sua demolição teve inicio em 02 de abril de 1917. Foram contratados para a obra JesualdoRugani pelo preço de 48:500$000 e seu construtor Valentim Romanelli. A primeira missa foi celebrada em 02 de junho de 1918, quando o templo estava em período de finalização. Deu inicio aos seus trabalhos em agosto.

Quermesse na Praça Antônio Carlos, 1917. Acervo da Casa da Cultura.

Em 1925 a Igreja Matriz sofreu uma reforma na fachada, realizada pelo padre Ricardo Franck. A torre foi levantada alguns metros. Em agosto de 1926 foi adicionado um novo relógio, este reformado em 1933. Em dezembro de 1926 foram concluídas as obras na fachada, a inserção de ladrilhos internos e o passeio ao redor. No ano de 1929 houve a remodelação da torre e da sacristia. Ao longo da década de 1930 foram realizadas as seguintes intervenções na matriz: adquiriram bancos e um harmônio; o pintor libanês Pedro Zogbirealizou pinturas artísticas em seu interior. No início da década de 1960 foram substituídos seus vitrais e portas, e em 1967 foi demolida.

Praça Antônio Carlos e vista parcial da segunda Igreja Matriz. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

No ano de 1968 foram iniciados os trabalhos para a construção de um novo templo através dos construtores Waldemar Soares Camargo e Anacleto Romanelli. No intuito de arrecadar fundos para a construção, Benedito Neves encarregou-se da venda de carnês. Sua inauguração ocorreu em 30 de maio de 1971. A matriz possui 51 m de comprimento e 16 m de largura. Contem pastilhas e elementos vazados de louça em sua torre de 42 m. Nas laterais conta com 20 vitrais em vidro belga e alemão, seu piso é de mármore cinza e do teto pendem 10 lustres. Em 1988 iniciou a restauração dos vitrais da Igreja.

Vista da Igreja Matriz na década de 1980. Acervo da Casa da Cultura.

Além de conter em seu acervo histórico-cultural inúmeras outras capelas e oratórios, um elemento que se destaca no catolicismo machadense é a Festa de São Benedito que completou em 2014 seus 100 anos de tradição. As danças do congo surgiram em Machado no interior das fazendas. O congado constitui-se como um sistema baseado no sincretismo religioso - cristão e africano -, onde a devoção a alguns santos católicos são realizados dentro de um quadro de performances rituais de estilo africano[10]. Dentre os diversos ternos de congado existentes no município de Machado podemos citar o Terno do Rosário, 1º Terno de São Benedito, 2º Terno de São Benedito, Terno do Joaquim Baiano, Terno do Deca, Terno de Sá Lolota, Terno do Joaquim Santana.

Por volta das décadas de 1910 os grupos do congo dançavam sem muita regularidade na Grama, atual Praça Rui Barbosa, ao redor de um cruzeiro. A Irmandade do Rosário, que possuía os ternos mais antigos, chegou a construir ali uma capelinha para celebrar sua festa. Algum tempo depois a festa foi transferida para o adro da Igreja Santa Cruz, na pracinha da velha caixa d'água. No ano de 1923 trocou-se o nome de "Festa do Rosário" para "Festa de São Benedito", mudando-se para o ponto atual.

Festa de São Benedito, 2014 – 100 anos de tradição. Acervo pessoal de Gustavo Ambrósio.

[10] BRETTAS, Aline Pinheiro; FROTA, Maria Guiomar. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio* – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 5 no 1 – 2012.

Segundo Rebello, “no primeiro livro de tombo da Paróquia da Sacra Família e Santo Antônio encontra-se o registro da celebração de uma festa em louvor a São Benedito, no dia 13 de maio de 1914, “devido principalmente aos esforços da população de cor””[11]. Em 1948 Dom Hugo havia interditado a capela de São Benedito sendo vedado qualquer ofício religioso. À pedido do Vigário, a polícia proibiu a festa que voltou a ser realizada em 1952 quando acabaram os processos judiciais.

Como pode ser observado através das irmandades e ternos de devoção à São Benedito, Rosário e Santa Ifigênia, a cultura africana em Machado é muito forte e se mostra através das práticas sincréticas dentro do catolicismo popular. Todavia,existe no município outras devoções e doutrinas, como o protestantismo, o espiritismo, a umbanda e a quimbanda.

As tentativas de colonização protestante no Brasil datam de 1555, quando huguenotes instalaram-se no Rio de Janeiro com o intuito de fundarem a França Antártica. Em 1903, inúmeros pastores e leigos abandonaram a Igreja Presbiteriana Unida e fundaram a Igreja Protestante Independe que se caracterizou como o primeiro ramo protestante nacional. Machado foi a terceira localidade de Minas Gerais a fundar um núcleo presbiteriano, em 1874.

Machado também possui igrejas evangélicas Assembléia de Deus, como o Ministério de Santos, Ministério Visão Mundial, Ministério Jardim dos Ipês. Além dessas, possui cerca de vinte outras igrejas e associações evangélicas como Sara Nossa Terra, Adventista, Batista, Quadrangular, Universal do Reino de Deus, Testemunhas de Jeová, associações religiosas autônomas.

Há poucas referências sobre a prática da doutrina espírita no município de Machado no século passado, possivelmente devido à intolerância e preconceito. Segundo Rebello (2006), em 1881 o espírita Alferes Manoel Eloy da Silva Passos sofreu investidas, tendo sua casa apedrejada, arrombada e invadida por aproximadamente duzentas pessoas. Os centros espíritas que foram instalados posteriormente são o “Paz, União e Caridade”, “Segunda Casa de Caridade”, “Humberto de Campos”, “Estrela do Oriente”, “Allan Kardec”, Grupo Espírita Beneficente “Os Samaritanos” e Associação Espírita Beneficente “Allan Kardec”.

[11] REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio, Tomo 2. Machado: 2006, p.184.

Os centros de umbandas são o Centro Espírita "São Jorge", "Pai Jacob", Centro Espírita de Umbanda "Ogum Yara", Tenda Umbandista "Caboclo Lage Grande", Tenda "São Sebastião", Grupo Ilê Axé Ogum e Oxum. Já de Quimbanda temos a Tenda de Pai João.

Saúde e educação machadense

José Rodrigues de Carvalho aborda em seu livro a temática da saúde. Segundo o autor, o maior impacto na saúde de Machado se deu com a epidemia da gripe Espanhola – época da Primeira Guerra - que afetou todo o país; depois, um surto de varíola.

Na década de 1920, Machado já contava com melhores condições de higiene e com a Santa Casa de Misericórdia fundada pelo Dr. Antônio Cândido Teixeira. Outro provedor da instituição em 1925 foi o farmacêutico Francisco Elísio Ferreira Braga. No ano de 1936 foram executadas 186 operações de pequeno e alto porte; 4468 consultas; 1269 exames de laboratório, etc[12]. Embora a Santa Casa de Misericórdia tenha sido fundada em julho de 1920, data de 1911 o termo de compromisso da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia e Caridade de Santo Antônio do Machado.

Santa Casa de Misericórdia de Machado. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

[12]CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985, p. 105.

Santa Casa de Misericórdia de Machado. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

Santa Casa de Misericórdia de Machado. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

Imagens da Santa Casa de Misericórdia de Machado – fachada e interior. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

No que tange à educação, Machado teve seus primeiros professores em 1870: Joaquim Martins de Souza, José de Araújo Brito e Mariano Severo Romano. A chamada "Casa da Instrução" já existia no inicio da década de 1880 e era composta por duas salas de aula, separadas por gênero. O professor dos "meninos" era o Carlos Alberto Ferreira Lopes; e a professora das "meninas", Dona Mariana Teófila de Oliveira. Anos mais tarde, em 1911, criou-se uma sala destinada a ensinar ambos os sexos. Primeiramente a cadeira foi ocupada por Dona Hortência Bressane de Araujo, que lecionou apenas aquele ano.

Sobre o processo de instrução particular, foi instalado em 1882 o primeiro colégio: Colégio Lustosa. Havia também um colégio para meninas na Rua da Mococa. Em 1884 foi instalado por Francisco Rafael de Carvalho e Anastácio Vieira Machado um Externato e Internato que aceitava meninos e meninas, situado na Rua Barão do Rio Branco. Entre os anos de 1901-1902 foi fundado um Externato na Rua Santos Silva.

Houve também na história de Machado o Colégio Dias (1918 a 1923); Colégio Imaculada Conceição dirigido pelas Irmãs Concepcionistas; o Curso Particular dirigido inicialmente por José Augusto Vieira da Silva; o Ginásio Machadense; o Ateneu Machadense; o Grupo Escolar D. Pedro I.

Desfile cívico das alunas do Colégio Imaculada Conceição, 1957. Acervo da Casa da Cultura.

Em 1925 o quadro da educação de Machado era assim[13]:

Estabelecimento	**Nº**	**Matrículas**
Grupo Escolar	1	645
Escolas Estaduais	3	155
Escolas Municipais	2	50
Particulares	3	124
Total	**9**	**974**

Entre as décadas de 1940 e 1950, Machado deu um grande salto no desenvolvimento educacional com a criação de algumas instituições. Dente elas, a Escola Profissional La Salle, onde havia seções de tipografia, sapataria e marcenaria; e a Escola Técnica de Comércio. Já na década de 1960 há a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Professor José Augusto Vieira" que, posteriormente, foi reconhecido pelo Governo Federal, consolidando a posição da faculdade em meio ao ensino superior brasileiro.

[13] Dados extraídos de: CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985, p. 67.

Atualmente o município conta com diversas escolas estaduais, municipais e particulares de ensino fundamental e médio, três faculdades particulares e um Instituto Federal.

Economia, transporte e comunicação na trajetória machadense

No período de sua fundação, as atividades econômicas realizadas onde hoje se encontra o município de Machado era de base agro-pastoril e de subsistência, sendo o excedente comercializado. Por estar localizado em uma região propícia para a plantação, culturas diversificadas eram produzidas na localidade. Até os dias de hoje a agricultura e a pecuária prosperam em Machado.

Em 1841 é possível identificar quais produtos eram produzidos no território de Machado através dos escritos do juiz de paz João Ferreira Tolledo, de Douradinho – atual distrito de Machado: "Abundoso de mattos de culturas, e campos de criar, produs fumos com abundancia, Milho, e todas as qualidades de mantimento q. aly se plantão se colhe muito, e se vão vender s Cid. Da Campª"[14].

Na segunda metade do século XIX a pecuária se destacou em meio às outras atividades realizadas concomitantemente. Foi organizada a *Sociedade Machadense* que tinha por intenção o corte de boiada e a venda de carne verde no Rio de Janeiro. Essa sociedade foi constituída com sócios de Machado e de outras localidades de Minas, como Caconde, Casa Branca, Jacuí, entre outras. Segundo Rebello, as boiadas eram levadas à Corte por conta de cada remetente, todavia, após balanço anual era feita a divisão proporcional dos lucros e perdas. O Monitor Sul-Mineiro de 1872 refere-se ao empreendimento da *Sociedade Machadense* e os possíveis motivos de seu fim seis anos após a fundação:

> Com vistas de emancipar-se dos marchantes e commissarios o Sr. Azarias fundou a associação Machadense que durou por espaço de 6 annos, apezar da opposição que soffreu de interesses contrariados e durante esse longo período, sob sua direcção, entrava de 3 em 3 dias no matadouro do Rio de Janeiro de 60 a 90 rezes; e se essa associação não teve maior existência, e não auferio extraordinários lucros, é porque a inveja de uns, a ambição de outros, e os esforços de muitos que se julgavão prejudicados, tendo a concorrência dessa associação, contra Ella se erguerão pondo termo a sua existência[15].

[14] TOLLEDO apud REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio, Tomo 2. Machado: 2006, p.653.
[15] MONITOR SUL MINEIRO apud REBELLO op. cit., p.649.

O principal produto agrícola de Machado é o café. Devido ao seu destaque, deu origem a inúmeros trabalhos, dentre eles dois realizados pela FUNDAMAR: "A História do Café em Machado" (1994) e "A Cafeicultura Machadense: 1889-1912 – uma análise da Ação Econômica e Política dos Principais Fazendeiros e dos Agentes de Café" (1997). No ano de 1935 foi criado o Campo Experimental do Café e o Campo de Monta – iniciativa da chefia do Serviço Técnico do Café do Estado de Minas Gerais. Nos últimos anos o município tem produzido cafés orgânicos, exportados, principalmente, para o Japão, Estados Unidos, Canadá e Inglaterra.

Atacadista de café, 1929.
Acervo da Casa da Cultura.

No que toca ao desenvolvimento de serviços, a primeira metade do século XX foi rica na inauguração de estabelecimentos comerciais de atacado e varejo, casas de tecidos, ferragens, jóias, secos e molhados, hotel. O comércio seguia, principalmente, as bases tipo "armarinhos". Já na segunda metade desenvolveram-se inúmeras padarias, postos de gasolina, bares, boates, restaurantes e lanchonetes.

Hotel Central (atual Hotel Colinas), 1924. Acervo da Casa da Cultura.

Sobre vias de acesso do município, enquanto arraial havia uma estrada que atuava como via principal, de onde "nasciam" caminhos diversos para suprir as necessidades da época. Havia a estrada boiadeira, que fazia ligação aos sertões de Goiás e Mato Grosso; a estrada dos tropeiros, rumo à corte; a estrada de viajantes que dava acesso aos pontos comerciais da província de Minas Gerais. O crescimento do povoado dava-se sempre em direção ao alto da colina, o que fez surgir um novo caminho saindo da Rua da Máquina até encontrar a Rua da Santa Cruz. Segundo a tradição, a Rua Santa Cruz, uma das principais da cidade, leva esse nome por seus moradores terem carregado uma grande cruz em procissão inserindo-a, aproximadamente, onde se encontra a Igreja de São Benedito.Carvalho, ao traçar uma análise do surgimento das principais ruas e estradas de Machado verificou "encontrar-se na estrada, a estrada real, a origem das primeiras ruas da cidade: Rua do Ramo, Rua da Máquina, Rua da Mococa"[16].

Os primeiros meios de transporte eram rudimentares; o transporte de mercadorias era realizado por tropas de muares. Somente anos depois, com o desenvolvimento da região, apareceram os carros de bois e as carroças. As viagens longas eram feitas à cavalo, assim como as viagens locais necessárias à comunicação.

[16]CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado, 1985, p. 43.

Há na segunda metade do século XVIII a abertura de importantes caminhos na região que passavam pelos arredores de Machado. Existiram três caminhos que, embora atravessassem o Vale do Rio Machado, não cortavam as terras hoje pertencentes ao município. Dentre elas temos a Estrada de Ouro Fino a Cabo Verde, Estrada de Santana do Sapucaí a Cabo Verde, Estrada de Santana do Sapucaí ao Registro de Caldas.

No século XIX foram inúmeras as trocas de carta falando sobre as péssimas estradas ou sobre a necessidade de abertura de outras. A lei orçamentária de 1009 de 02 de julho de 1859 autorizou a abertura de estrada partindo da Freguesia de Santo Antônio do Machado e atravessando a de São João Batista do Douradinho. Já em 1866 ocorreu a autorização para iniciar a estrada de Conceição do Rio Verde, pela Campanha, à Machado e a Alfenas[17].

Em 1918 e 1920 passaram por Machado os primeiros automóveis: o primeiro vindo de Paraguaçu e o segundo, da Fazenda da Pedra. O primeiro automóvel de Machado foi um Ford comprado por Edvar Dias e Lázaro Magalhães no ano de 1920. Segundo o "Annuario Estatístico" da Secretaria de Agricultura do ano de 1921, o meio de transporte mais utilizado eram os carros-de-boi. Havia 290 deles, 69 carroças, 04 automóveis de carga, 22 carros de passageiros, 07 automóveis de passageiros, 03 motocicletas, 08 bicicletas e 40 embarcações fluviais. Em 1923, a lei 87 de 20 de julho, regulou o transito de carros-de-boi na cidade devido ao seu número excessivo.

Primeira mulher a dirigir um automóvel em Machado, 1927. Acervo da Casa da Cultura.

[17]REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio. Machado: 2006.

Posto. Sem data. Acervo da Casa da Cultura.

Posto Texaco – Avenida Santa Cruz, 1942. Acervo da Casa da Cultura.

No ano de 1931 houve a inauguração da Empresa Auto-Viação de Machado, Campestre e Poços de Caldas. Em 1933 havia uma linha que passava diariamente, ida e volta, por Paraguaçu, Elói Mendes e Varginha, sob o nome de Empresa São Pedro. No início de 1952 surgiu em Machado o primeiro ônibus circular, pertencente e conduzido por Joaquim Caetano, com o trajeto da Ponte "Governador Valadares" ao Cemitério. Na década de 1950 foi inaugurado também o transporte aéreo para São Paulo e Belo Horizonte, tanto para carga quanto para passageiros.

O transporte ferroviário foi um importante elemento de desenvolvimento em diversos municípios de Minas. Através dele se dava o deslocamento de passageiros de um local a outro, assim como o transporte de mercadorias e informação. Ter ferrovia era sinal de progresso. Em 1908, Monteiro Lobato enviou ao juiz de Machado, Godofredo Rangel, as seguintes palavras:

> Quanto a essa tua comarca do Machado, sei por informação que é um seiozinho de Abraão, mas com um grave defeito: não se ouve aí apito de trem. Eu divido o mundo em duas partes: a onde se ouve o apito de trem e a onde não se ouve apito de trem. Uma é o inferno, a outra é o céu. Porque quando o trem apita temos uma sensação de ave com asas; e se não há apito de trem, a nossa sensação é de prego fincado na parede[18].

A primeira estrada de ferro a cortar o município foi a Companhia Estrada de Ferro Muzambinho, em terras que atualmente pertencem à Paraguaçu. A Estrada de Ferro Machadense obteve a aprovação de seus estudos, plantas e projetos de obra para a construção da estrada com o decreto 6228 de dezembro de 1922. A estrada teria extensão de 41.382,17 metros e bitola de um metro. Em agosto de 1925 foi inaugurado o primeiro trecho de Alfenas à Caiana. O armazém pertencente a João Antonio da Costa foi a Estação provisória da cidade por um tempo. A construção da estação definitiva iniciou-se em 1927 mediante contribuição popular e empréstimo. Em 1928 a locomotiva chegou pela primeira vez à cidade e em 1930 a Estrada de Ferro Machadense foi comprada pelo Estado de Minas.

Locomotiva que transportou o material para a construção da estrada de ferro de Machado, 1923. Acervo da Casa da Cultura.

No que tange às comunicações, o serviço de correio em Minas Gerais teve seu inicio em 1798 com agências nas comarcas de Sabará, São João del Rey, Serro e Vila Rica. Em 1869 foi notificado que as malas do correio em Santo Antônio do Machado

[18]REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio Tomo 2. Machado: 2006, p. 538.

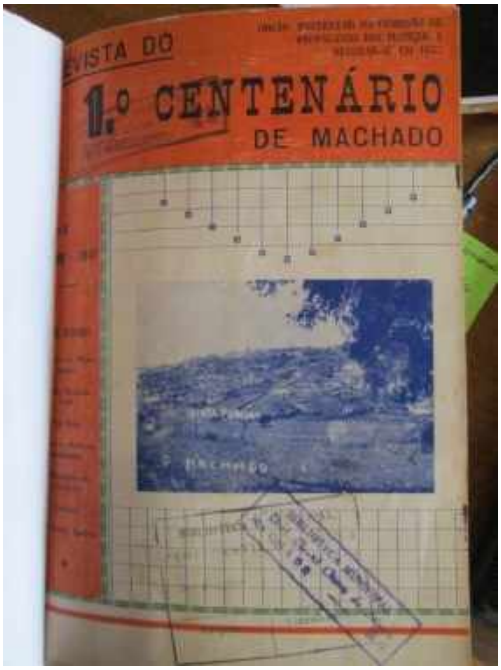
chegariam às oito horas da noite a cada três dias, e partiriam as seis horas da manhã a cada três dias, iniciando-se pelo dia 2. Em 1886 a linha de Campanha a Machado possuía três empregados, que faziam viagens de dois em dois dias. Estima-se que o custo mensal da linha era de 268$000.

O primeiro jornal da província de Minas Gerais surgiu em Ouro Preto em 1823. Machado foi 39ª localidade mineira a publicar um periódico. O primeiro jornal foi o "Correio de Machado", de 1885, e teve a duração de cinco anos. Em 1886 surgiu o segundo Jornal, intitulado "O Binóculo". Existiram no município no século XIX vários outros jornais, semanais ou quinzenais, como: "O Discípulo", "O Patriota", "O Novo Estado", "Sexto Districto", "O Futuro", "O Operário".

Fora os periódicos de circulação ampla no município, havia jornais e boletins de circulação restrita, pertencentes ao colégios. Em 1937 editou-se a "Gazeta Escolar" da Escola Estadual Dom Pedro I. Também na década de 1930 surgiu "A Esmeralda", do Colégio Imaculada Conceição; "O Ginasiano", do Ginásio São José; o "Agrovisão" da Escola Agrotécnica Federal, entre muitos outros.

Machado também teve um considerável numero de almanaques e revistas, além de jornalistas machadenses atuando em outras localidades. "O Sul de Minas" foi um almanaque fundado por Manoel Francisco Pinto Pereira, que residiu durante alguns anos em Machado. Editado pelo Centro Sul Mineiro de Propaganda e Estatística, tinha sua sede na Vila de Silvestre Ferraz. Seu segundo fascículo publicado em 1913 foi inteiramente dedicado à Machado, contendo informações históricas, geográficas, políticos, culturais, administrativos. A Revista do 1º Centenário de Machado[19] estava relacionada à Comissão de Propaganda dos festejos do 1º centenário. Foi uma revista mensal como total de nove números produzidos, de fevereiro a outubro.

[19] Anteriormente, a emancipação da cidade de Machado era relacionada ao ano de 1857. Todavia, depois de analisar outras documentações, o município alterou a data que passou a ser 1881. Por isso a Revista do Centenário foi produzida no ano de 1957.



Revista do Centenário. Acervo da Casa da Cultura.

A primeira linha telefônica foi construída por Sylvio Monteiro dos Santos. Ligava a Estação do Pontalete à Fazenda Pedra Grande, passando por Carmo da Escaramuça (Paraguaçu) e Machado. Em 1905 foi concedido o auxílio de cinco contos de réis para a obra. No ano de 1948 foi fundada a Empresa Telefônica Machadense Ltda. A sede foi construída na Rua XV de Novembro, sendo transferida, posteriormente, para a Praça Antônio Carlos e para a Rua Sete de Setembro. Em virtude da TELEMIG, no final de 1987 foram inauguradas três cabines individuais no posto telefônico público construído entre a Prefeitura e o Fórum. Seu funcionamento era das 7 às 22h, onde dois funcionários se revezavam.

Em 1999 ocorreu a privatização das telecomunicações do Brasil, e a TELEMAR adquiriu o controle das operadoras de 16 estados, inclusive Minas. Assim, a partir de outubro de 2000, o prefixo de todas as cidades mineiras obteve o acréscimo do algarismo 3.

Em 1921 Machado possuía dois cinemas, ambos pertencentes à empresa Dias & Moreira. O Cinema Ideal oferecia quatro sessões por semana, contando com 350 lugares, além de realizar bailes; e o Cinema Brasil comportava 500 pessoas e possuía duas sessões semanais. Na década de 1970, o cinema recebeu o nome de Cine Vogue, todavia, apesar das reformas, a freqüência diminuiu, fechando suas portas em 1979.

Pouco depois voltou à atividade de acordo com a Prefeitura, sofrendo nova paralisação pouco tempo depois. Em 1984 houve a reabertura para a exibição de dois filmes por semana. Depois disso, o cinema fechou e reabriu mais algumas vezes, voltando a funcionar no final do século XX no Machado Shopping, localizado na Praça Antônio Carlos – onde se encontra em pleno funcionamento.

Cine Limeira, 1944. Acervo da Casa da Cultura.

A primeira montagem de um aparelho radiofônico se deu através da figura de Estevam Pereira dos Santos. O aparelho foi apresentado ao público em 1937, em uma Exposição Regional. Em 1945 foi fundada a Rádio Difusora. Em 1991 entrou no ar a Rádio Montanhesa que em 1999 teve um aumento da sua potência, permitindo que atingisse mais de 40 municípios. A primeira rádio comunitária surgiu em 1995, pertencente à Associação Comunitária Bhetel. Entrou no ar sem autorização e foi fechada dias depois.

Suportes de memória

Machado possuía uma vida cultural intensa, com inúmeras bibliotecas pertencentes aos centros educacionais do município e com clubes de leitura. É de conhecimento que a Sociedade Amantes da Leitura já existia em 1874, com mais de mil volumes e vários sócios. Em 1875 foi criado o Club Literário Bernardo Guimarães. Este clube tinha entre seus fundamentos instruir seus membros e ensinar as classes menos abastadas em aulas noturnas, além de fundar um teatro.

A Biblioteca Municipal foi inaugurada em 1918, todavia, no mesmo período havia outras bibliotecas no município, como a Biblioteca do Apostolado Coração e a

Biblioteca do Centro Machadense. Nos anos posteriores foram fundadas as bibliotecas dos principais centros educacionais da cidade, como a da Escola Dom Pedro I, do Ginásio São José, do Colégio Imaculada Conceição.

Na década de 1950 já existia o Museu do Ginásio São José. Rebello acredita que esse tenha sido o primeiro museu da cidade. Seu acervo era pequeno, abordando a temática da história natural.

Em 1981 foi inaugurado o Museu Histórico Municipal no porão do Colégio Municipal. Em 1986 foi criada a Casa da Cultura e determinado que o Museu a integrasse. Houve também a inauguração do Museu da Congada, pertencente e localizado na Associação de Congadeiros, em 1988. Foi desativado depois que Maércio Caetano transferiu para o local seu forró, não sendo reaberto posteriormente.

A Casa da Cultura, que incorporou o acervo do Museu Histórico Municipal, está localizada no prédio da antiga Santa Casa. Está integrado a ela, também, o Arquivo Público Machadense. Ela tem por finalidade "ser um espaço para o homem se expressar como elemento de cultura através de atividades criadoras e recriadoras e de apoio às áreas culturais, redimensionando sua atuação"[20]. Além de abrigar um interessante acervo a respeito da história de Machado, a Casa da Cultura desenvolve, atualmente, exposições temporárias com artistas locais, recitais, além de oferecer aulas de pintura e música.

Casa da Cultura – Antiga Santa Casa, 1993. Acervo Casa da Cultura.

[20]REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio Tomo 2. Machado: 2006, p. 131.

O Castelinho de Machado

O Castelinho de Machado foi construído por Tirteo Zanon na década de 1940. Tirteo Ferdinando Zanon nasceu em Machado, Minas Gerais, no dia 05 de janeiro de 1898, sendo o segundo filho de Luiz Zanon e Luiza BrugnoloZanon. Seus pais eram um casal de imigrantes italianos que, por volta de 1895, deixaram o velho mundo e se dirigiram ao Brasil. A família Zanon residiu certo tempo em Machado, mudando-se, posteriormente, para a cidade de Santa Fé, na Argentina. Foi em Santa Fé que Tirteo Zanon realizou o curso primário, recebendo noções de escultura, arte que sempre o despertou profunda paixão.

Regressaram ao Brasil quando Tirteo possuía 18 anos. Neste período, o jovem artista começou a trabalhar como pedreiro junto ao seu pai, passando depois para construtor.Devido às suas habilidades manuais e artísticas, foi requisitado para trabalhar como "frentista", termo que designa pessoas reconhecidamente hábeis no trabalho com recortes, balaústres e no modelar "carrancas" nas fechadas das residências, seguindo à moda da época. Uma delas foi a do Comendador Lindolfo de Souza Dias, obra que que, lamentavelmente, foi destruída.

Como não havia grande demanda por construções, Tirteo Zanon passou para o ramo de artefatos de cimento. A princípio, construía pias de cozinha, tanques e grades para alpendre. Não dispunha de instrumentos especializados, fazendo uso de ferramentas improvisadas por ele mesmo. Apesar disso, fabricava peças curvas, o que lhe proporcionou o pioneirismo e reconhecimento na região.

Sua paixão pela escultura, ofício que começou a aprender em solo argentino,o levou a criar castelinhos, fontes luminosas, santos, túmulos, altares, bancos de jardim, dentre outros itens. Devido a essa grande diversidade de produtos e à demanda de pedidos, fundou em Machado a Fábrica de Artefatos de Cimento e Granito Artificial - a Fábrica Machadense.

Tirteo Zanon casou-se pela primeira vez aos 21 anos, com Emengarda Tavares Zanon. Com ela, teve quatro filhos chamados: Hilda, Walter, Dalva e Luiz. Sua esposa faleceu ainda muito jovem, vítima de reumatismo infeccioso. Sua segunda esposa foi Leonina Machado Zanon, com a qual teve seis filhos: Lúcio, Silvia, Amílcar, Doralice, José Tirteo e Mafalda.

Por algum tempo, foi presidente do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), pelo qual se candidatou a Prefeito de Machado. Tirteo perdeu as eleições para o concorrente Gustavo Carneiro Dias. Os problemas circulatórios que o afligiam desde a adolescência agravaram-se com o passar dos anos e, principalmente, após uma queda que lhe rendeu a fratura do fêmur. Ficou acamado durante um ano, o que o debilitou fisicamente, vindo a falecer aos 68 anos de idade no dia 6 de setembro de 1966.

Segundo Marília Zanon, neta de Tirteo:

> Nos dizeres do sobrinho Uriel: "Na minha opinião, os traços mais marcantes de sua personalidade eram a compreensão dos defeitos humanos, a solidariedade aos irmãos e a discrição. Era uma pessoa forte, serena e bondosa. Herdou de meu avô o talento para desenho e escultura e de minha avó, persistência e bom senso, que lhe permitiram desenvolver sua empresa industrial Tirteo Zanon e Cia., que durante muitos anos liderou a fabricação de bancos de jardim e outros artefatos de cimento e granito artificial em Minas Gerais."
>
> Comércio esse que se estendeu além das fronteiras de Minas, pois do estado do Rio de Janeiro e de São Paulo também chegavam-lhe encomendas. Durante o quarto centenário de São Paulo, seu castelinho foi um sucesso na exposição montada no Parque Ibirapuera.[21]

A Praça Antônio Carlos, onde está localizado o Castelinho construído por Tirteo Zanon, é o local onde estava instalado o chamado "largo da Matriz" no início do povoamento e primórdios da urbanização citadina. Em 1874, a partir da comissão designada pela Câmara Municipal de Alfenas destinada a nomear logradouros, foi decidido que o antigo "Largo" passaria a se chamar "Praça da Harmonia". Entretanto, essa designação não foi oficializada.

A partir de documentos oficiais datados de 1889, 1894 e 1905, o referido local é chamado de "Praça Sete de Setembro". Através de pesquisa realizada por Rebello (2006), sabe-se que a atual Praça Antônio Carlos foi referida como "Largo da Matriz", "Largo da Cidade" e "Praça Municipal". Foi somente através da lei nº 114, de 21 de julho de 1928, que ficou estabelecido *"fica denominada "Praça Presidente Antônio Carlos" a Praça Municipal desta cidade"*. Este fato ocorreu pouco tempo depois do homenageado Antônio Carlos ter visitado a cidade de Machado para a inauguração da estrada de ferro. Seu título, entretanto, nunca foi incorporado ao nome da Praça.

[21]ZANON, Marília. Disponível em: https://maroma.wordpress.com/category/familia-zanon-nossas-raizes/. Acesso em 16 de novembro de 2018.

Ao longo dos anos, o local passou por inúmeras transformações, incorporando os empreendimentos da época e o processo de urbanização e desenvolvimento de Machado. No período em que era chamado de "Largo da Matriz", havia o cemitério eclesiástico. No final do século XIX, o local foi nivelado e calçado. Em 1903, ganhou jardim cercado e um coreto. Já em 1911, os passeios foram cimentados. Em 1912, foi permitida a construção de novo trecho de passeio, e autorizada a demolição do jardim. Em 1942, ocorreu o calçamento com paralelepípedos. Entre 1959 e 1963, a Praça recebeu iluminação fluorescente. Na década de 1980, o prefeito Carlos Dias asfaltou a Praça, eliminou a ruela central, unificou e remodelou o jardim, além de substituir bancos e o calçamento. Na ocisão, também foram feitas mudanças no coreto. Na última grande reforma, efetuada por José Carlos Vilela na década de 1990, os canteiros foram levantados, construiu-se na parte inferior palco coberto (chamado de epidauro), com sanitários e dependências para comércio de alimentos.

Pouco se sabe sobre os adornos e monumentos instalados na Praça Antônio Carlos, mas acredita-se que as transformações ocorridas nos bens móveis integrados à Praça acompanharam as transformações ocorridas na própria Praça. Segundo Ricardo Rebello (2006, p. 939):*"O castelinho feito por Tirteo Zanon instalou-se na Praça A. Carlos em 1948. Danificado com o correr do tempo, foi retirado, recebeu restauração e retomou em setembro de 1982. Em 1996 passou por nova reforma e ganhou gradil protetor"*.

Imagem: segundo castelinho construído por Tirteo Zanon que se encontra até os dias de hoje na Praça Antônio Carlos. Sem data. Acervo de Douglas de Souza Vieira.

Um fato curioso permeia a construção e instalação do Castelinho de Machado. Sabe-se que ele foi encomendado pelo Prefeito à época, chamado José Cândido Souza Dias. Segundo relatos orais, Tirteo Zanon teria feito um primeiro castelinho, que foi instalado no local e por ali ficou durante um ano, aproximadamente. Entretanto, as autoridades não gostaram do estilo empregado em sua construção, solicitando a elaboração de outro castelinho. Vale ressaltar que a produção de "castelinhos" de Tirteo Zanon ficou famosa em todo o sul de Minas e encomendadas por prefeitos de toda a região, como Ipuiuna, Serrania, Nepomuceno e Poço Fundo.

Imagem: prefeito José Cândido Souza, que encomendou o castelinho. Acervo da Prefeitura.

O primeiro castelinho feito por Tirteo para ser instalado na Praça Antônio Carlos pode ser considerado o protótipo dos demais castelinhos que vieram. Após a construção e instalação do segundo modelo de castelinho na Praça, em 1948, o primeiro castelinho foi doado por Tirteo para Totonho, que coordenava um centro de umbanda na cidade. Após o fechamento do centro umbandista, José Marin o encontrou na rua e levou para a sua residência, onde ele se encontra até os dias de hoje:

> Aqui em Machado tinha um prefeito que era conhecido como Chicão. E eu tive a oportunidade um dia de conversar com ele lá na Praça e a gente estava comentando sobre o castelinho. Aí ele comentou que esse castelinho [o de José Marin] foi o primeiro que o Tirteo fez. Aí ele pegou, tinha feito para a Prefeitura o castelinho. Só que o prefeito da época queria um castelinho estilo Luís XV. Aí ele fez, tirou o outro castelinho e deixou no local apenas o farol. (...) aí o primeiro castelinho voltou para o barracão dele, porque ele mexia com muita coisa no barracão dele perto do cemitério, o senhor Tirteo Zanon. Aí o

prefeito de Serrania veio, viu ele ali e mandou fazer um igual. O de Serrania é igual a este [o de José Marin]. Esses castelinhos foram feitos treze. (...) o Totonho, que era um senhor que tinha um centro de umbanda aqui em cima, falou pro Tirteo que queria fazer, para botar lá no centro, isso quem me contou foi o cara do centro, Joaquim Gominho, a família dele que tomava conta do centro. O Tirteo foi lá para ele fazer um negócio no chão como se fosse uma cachoeirinha, porque eles tem mania de fazer despacho, essas coisas. Questionado sobre o castelinho, Tirteo falou para Totonho "você gostou? então pode levar". Aí ele levou o castelinho, fez aquela cachoeirinha lá na frente, e ficou no centro [de umbanda] cinquenta e cinco anos. Só que a lei do centro é a seguinte: se houver algum assassinato, alguma coisa dentro do centro, tem que fechar, abrir uma nova concessão, e tudo o que está dentro do centro não pode ficar, tem que colocar tudo novo. Eu passei um dia la na rua, e tava na calçada o castelinho. (...) ele pegou e me doou o castelinho (...) em 1992.

Imagem: primeiro Castelinho de Machado, hoje pertencente a José Marin. Outubro de 2018. Bárbara Pereira Mançanares.

Imagens: castelinhos de Serrania e Ipuiuna construídos por Tirteo Zanon. Google imagens.

Portanto, a partir dos poucos relatos orais e documentações oficiais e bibliográficas, aliados à documentação fotográfica, é possível dizer que: o primeiro Castelinho de Machado foi construído e instalado no ano de 1947. Ele foi substituído pelo segundo castelinho em 1948, sendo ambos os castelos feitos por Tirteo Zanon. O primeiro castelinho ficou por 55 anos em um centro de umbanda pertencente ao senhor conhecido como Totonho e, desde 1992, encontra-se na residência de José Marin, no bairro da Prainha.

Desde a instalação do Castelinho, o bem móvel e integrado à Praça Antônio Carlos despertou a atenção dos machadenses, encantados com sua beleza e seu caráter peculiar. O monumento tornou-se cartão postal da cidade de Machado. As fotografias, cujo castelinho se apresenta como pano de fundo, indicam como o local era estimado levando-se em conta a escassez e alto investimento dispendido na aquisição de fotografias nas décadas passadas.

Ao analisarmos as fotografias que retratam o Castelinho em diferentes períodos históricos podemos constatar que tanto a sua estrutura quanto seu entorno imediato e ponto de instalação foram alterados ao longo dos anos, em diferentes gestões municipais. Apesar dessa constatação, não foi possível localizar documentos oficiais que datem as transformações ocorridas além daquelas pesquisadas e mencionadas por Ricardo Rebello, como a de 1982 e a de 1996. Sobre a intervenção feita em 1982, Rebello faz menção a uma “restauração”, todavia, o termo foi utilizado de maneira equivocada, uma vez que gerou distanciamento estético em relação à construção original de Tirteo. Sobre a intervenção de 1996, se faz referência à instalação do gradil de proteção.

O bem foi tombado como patrimônio cultural de Machado devido ao grande apreço que a comunidade tem por este bem, uma vez que está integrado a um importante espaço de sociabilidade da cidade de Machado. Das décadas passadas até os dias atuais, o Castelinho é entendido como importante cartão postal da cidade de Machado e estimado pelos cidadãos que nos grupos destinados à valoração e salvaguarda da história local, sempre o citam envolvido de afetividades e narrativas voltadas à sua estética que se destaca no centro machadense.

Imagem: castelinho na década de 1960. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: castelinho na década de 1960. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Nas duas imagens acima, ambas da década de 1960, o castelinho está instalado em uma fonte ampla de cimento com algumas espécies vegetais em seu interior. O castelo encontra-se instalado em um patamar mais elevado, em relação à fonte. Nota-se

que o contorno da Praça Antônio Carlos se difere da atual em função das transformações ocorridas ao longo do século XX, já mencionadas no presente trabalho. O castelinho possui textura que gera visualmente a sensação de suas paredes terem sido construídas com pedras irregulares.

Na imagem abaixo, vê-se uma criança "brincando" no castelinho, que está pintado totalmente de branco. Não nota-se, a partir da referida fotografia, a presença de uma fonte instalada nas imediações do castelinho e deduz-se que, à época, não havia sido instalado o gradil de proteção. Embora a pintura na coloração branca tenha retirado os frisos que faziam a parede do castelo dar a impressão de ser composta por pedras irregulares, percebe-se que a estrutura permanece a mesma. Já no ano de 1995, outra criança foi fotografada no Castelinho de Machado. Na ocasião, percebe-se que a coloração branca foi substituída pela coloração cinza e que ele está instalado em uma fonte de cimento margeada por gramado.

Imagem: criança brincando no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo "Machado – Saudade e Nostalgia".

Imagem: Roseli Reis no cartão-postal de Machado. 1995. Acervo do grupo “Crias de Machado”.

Imagem: homem no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Na imagem acima, sem data definida, mas, possivelmente, do primeiro decênio dos anos 2000, vê-se já havia se instalado o gradil dourado para garantir a proteção do Castelinho. O contorno da fonte era na coloração verde; já o Castelinho, nas cores

prateada com os elementos em dourado. Em 2018, o Castelinho permanece cercado por gradil na coloração dourada, a margem da fonte possui coloração azul, e o Castelinho propriamente dito, bem como seus elementos, possuem coloração branca – exceto a sua base de pedras, que se encontram na cor natural.

Imagem: Castelinho. 2018. Acervo da Prefeitura.

Imagem: Castelinho. 2018. Acervo da Prefeitura.

Castelinho na história de Machado

Imagem: homens no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: família no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: criança no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: crianças brincando no castelinho. Sem data. Acervo do grupo “Crias de Machado”.

Imagem: castelinho na década de 1960. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: Judith Maciel Dias e a criança Jadete no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: Zilah e Maiza com o castelinho ao fundo. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

Imagem: homem no castelinho. Sem data. Acervo do Grupo “Machado – Saudade e Nostalgia”.

2.2. Descrição detalhada do bem cultural

Podemos considerar o Castelinho como bem imóvel integrado à Praça Antônio Carlos, onde também se localizam o Coreto e Concha Acústica. Começaremos então pela descrição da praça.

O entorno da praça (e do castelinho) é composto por edificações de volumetria variada, com um e até seis pavimentos, residenciais e comerciais, que apresentam bom estado de conservação. Há um único lote vago no entorno. No entorno também está localizada a Igreja Matriz e Fórum. As ruas são de pavimentação asfáltica e os passeios de cimento bruto, lajotas de cimento e revestimento cerâmico. Não há arborização nas ruas, somente na praça.

A praça está implantada em terreno inclinado e seu acesso é feito por várias aberturas nos canteiros laterais. Possui piso em cimento, com detalhes em pedra, paralelepípedo e pedra Miracema. Tanto o piso da praça quando o piso da escada de acesso à concha acústica são de cimento bruto. Há pontos da praça em que o piso é de paralelepípedo. O piso de pedra Miracema emoldura os canteiros, que são feitos de tijolos, acima do nível do piso da praça. A vegetação é composta por árvores de médio e grande porte e cobertura de grama. O piso de pedra Miracema também é encontrado na fonte, tanto no lado interno quanto externo, de nível acima do piso da praça. Além das lixeiras distribuídas pela praça, há telefone público, iluminação pública e bancos. Os bancos ora são de pré-moldados de cimento com assento e encosto em madeira, ora de cimento. Há uma banca de jornal. No centro da praça há um coreto de forma circular com coloração vermelha e branca. Há um ponto de táxi. Em relação ao estado de conservação da praça, existem alguns problemas que, todavia, são de fácil solução. Existe bastante sujidade no chão e canteiros da praça (papel de bala, garrafas pet, pacotes de biscoito, cigarros, etc.). Além disso, os canteiros se encontram sem manutenção periódica. Os muros de tijolos apresentam quebras em alguns pontos. Alguns bancos também apresentam quebras, manchas de umidade e sujidades. O piso da praça encontra-se bastante danificado, com desnivelamento em quase toda a totalidade, quebras, trincas, manchas de umidade e sujidades superficiais. O telefone público tem atos de vandalismo e sujidades na camada pictórica, bem como as lixeiras. Atualmente a fonte não se encontra em funcionamento.

O Castelinho está localizado em um canteiro na lateral esquerda da praça. E construído em concreto e não apresenta fechamento dos vãos. Os vidros foram quebrados. Sua base é revestida em pedra. Há um gradil de ferro que circunda o castelo, com um pequeno portão para acesso. Entre o gradil e o castelo há um jardim. O castelo está implantado em um espelho de água, revestido de cimento com pintura de cor azul, em formas curvilíneas. O revestimento do castelinho é de pintura de cor branca. Não há iluminação nem no interior do castelo, nem no seu jardim. Atualmente o espelho de água não está funcionando, estando o poço vazio. No topo do castelo falta uma torre. Além do castelo propriamente dito, existem mais dois elementos que formam seu conjunto: um farol e uma grande torre de mensagem, também localizados dentro do espelho d'água sobre uma base circular revestida de pedra: o farol pela direita e a torre pela esquerda. Os dois elementos são de cor branca. Na base de pedra onde está localizado o farol, antes era localizado um moinho; e onde hoje está localizada a torre, era localizado o farol.

O estilo dessa edificação em miniatura segue os padrões dos castelos edificados na Europa, no período da idade média. O estilo românico (vale ressaltar que o castelinho não segue à risca todo o padrão do estilo, apresentando alguns elementos misturados), ressalta a horizontalidade da construção e lhe confere um aspecto 'pesado', sobretudo por serem construções de pedra, com paredes grossas, com poucas e pequenas aberturas. Por se tratar de um período de muitas guerras, essas edificações tinham função de defesa e comando, além de residencial. Devido a isso é possível apontar o castelo românico como sendo um exemplo paradigmático das estruturas militares do período medieval, que apresenta características que facilitavam o desempenho dessas funções. Em relação à implantação, eram geralmente erguidos em posição dominante no terreno, próximos às vias de comunicação terrestres, fluviais ou marítimas, o que facilitava o registro visual das tropas inimigas e as comunicações a grandes distancias. Uma outra opção de implantação era a criação de uma grande vala que era cavada ao longo da base do castelo, quando possível, era preenchida com água para formar um fosso inundado, dificultando os ataques.No caso do castelinho, podemos identificar o espelho d'água como representativo desse tipo de solução. Era costume dessas fortalezas apresentarem aberturas ou rebaixamentos ao longo da muralha, por onde os defensores visavam os inimigos e por onde era possível neles atirar. Essas aberturas eram denominadas *ameias* e também *seteiras*. Entre duas ameias ou seteiras existia o *merlão* que era a parte

saliente que se erguia no parapeito das muralhas. Todos esses elementos podem ser identificados no castelinho. Era comum, ao longo das muralhas, ocorrer o chamado *adarve*, que era um caminho estreito e interno que acompanhava toda a muralha dos castelos, permitindo a ronda dos sentinelas e a distribuição estratégica dos defensores das ameias. Nos vértices da edificação e também em intervalos ao longo de sua muralha eram erguidas torres como pontos fortes. Geralmente elas se prolongavam além do plano vertical da face da muralha, permitindo aos seus defensores proteger toda a muralha. As torres defensivas foram difundidas na transição da alta para a baixa idade média e elas apresentavam planta circulares ou quadrangulares, e eram divididas internamente em até três pavimentos. Havia ainda a chamada *torre de menagem*, que era uma torre mais alta que as demais, sendo a estrutura central do castelo medieval, representando o seu principal ponto de poder e o último reduto de defesa. Em geral, essa torre apresenta planta quadrangular e o casse interno é feito por escadas de madeira, facilmente removíveis em caso de necessidade de isolamento. Essas torres também são identificadas no castelinho.

É possível apontar alguns problemas no castelinho que devem ser alvo de manutenção. O gradil que circunda o conjunto e jardim apresenta, além de sujidade da camada pictórica, oxidação em diversos pontos. O jardim não apresenta manutenção, bem como sua iluminação que foi retirada. O local (no jardim) onde se encontra fiação elétrica está sem a tampa de fechamento. O espelho d´água encontra-se sem água. Os vãos não apresentam as vedações de vidro coloridos, como antigamente. Não há iluminação interna no castelinho. A sua pintura está de cor branca, quando na verdade originalmente é de cor prateada. As torres laterais, erguidas nas muralhas, como dito anteriormente, estão quebradas (faltando). Nas extremidades da chamada torre *menagem*, haviam quatro torres menores em formato circular, atualmente só há três torres (improvisadas) em cano PVC. Nas extremidades do castelo faltam as chamadas torres defensivas.

Levantamento fotográfico:

Foto 01: vista geral do castelinho e jardim. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 02: vista frontal do castelinho. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 03: vista lateral do castelinho. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 04: vista posterior do castelinho. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 05: vista espelho d´água vazio. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 06: vista da torre *menagem* com ausência de uma torre circular nas extremidades. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 07: vista das extremidades com as torres de defesa quebradas. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 08: vista de gradil com oxidação. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 09: vista de fiação exposta, ausência da tampa de fechamneto. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

Foto 10: vista de suporte de iluminação, localizado no jardim. Data: 06/10/2018. Lorrana Negretti Ferreira

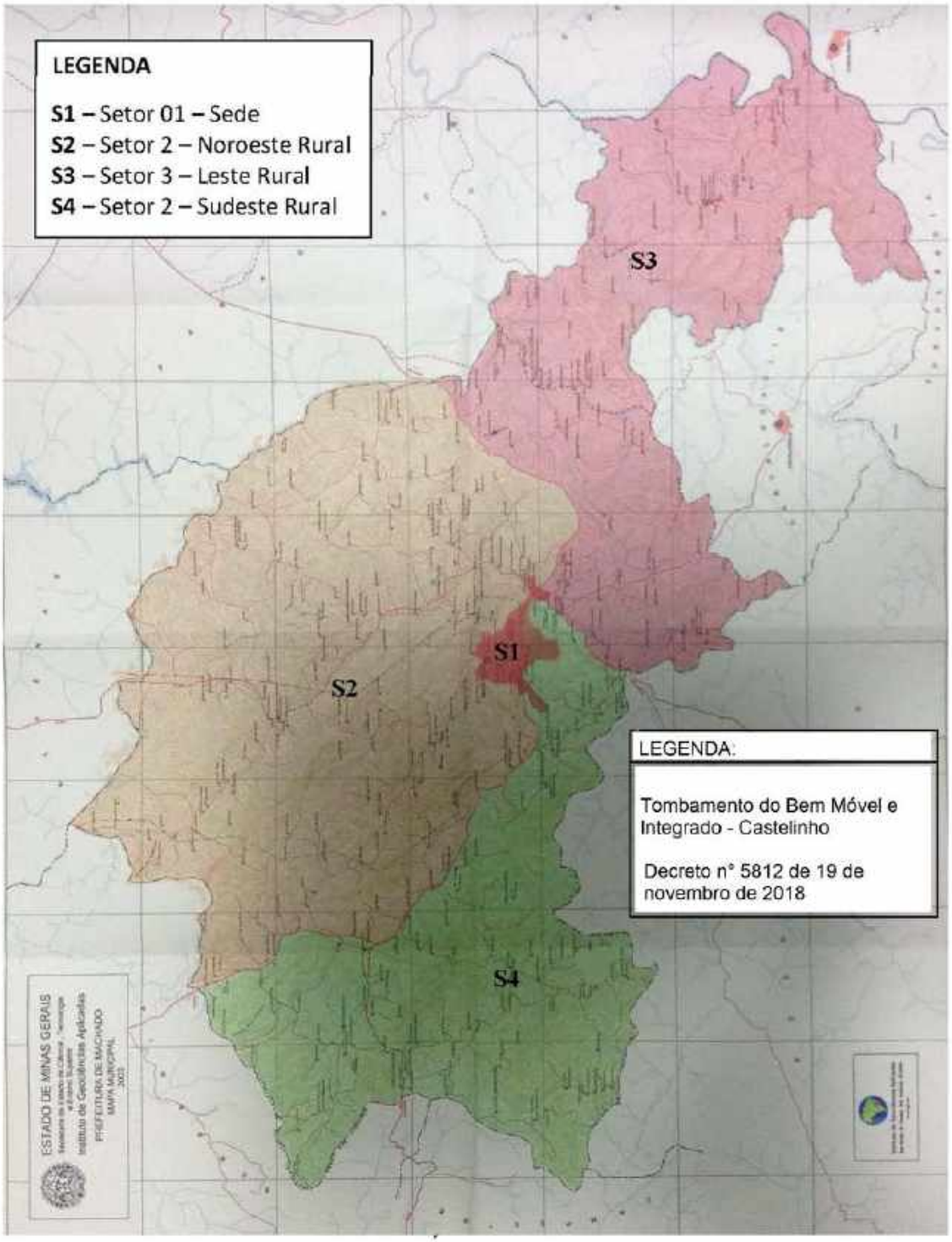
2.3. Justificativa para o tombamento

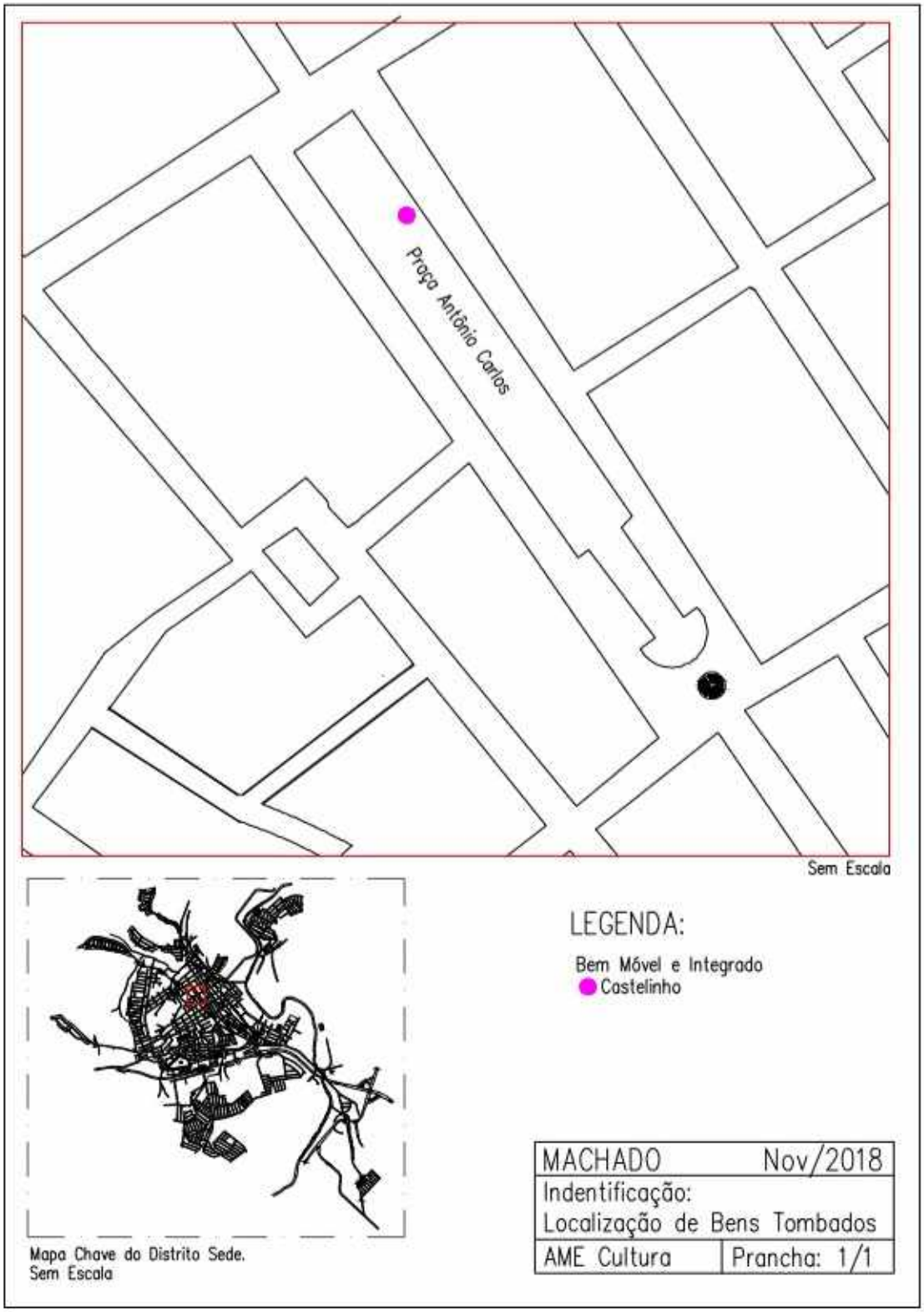
O Castelinho de Machado, localizado à Praça Antônio Carlos, foi construído por Tirteo Zanon na década de 1940. Ao longo dos anos, a Praça Antônio Carlos passou por inúmeras transformações, incorporando os empreendimentos da época e o processo de urbanização e desenvolvimento de Machado. Pouco se sabe sobre os adornos e monumentos instalados na Praça Antônio Carlos, mas acredita-se que as transformações ocorridas nos bens móveis integrados da Praça acompanharam as transformações ocorridas na própria Praça. Entretanto, o Castelinho permanece, atravessando gerações.

Um fato curioso permeia a construção e instalação do Castelinho de Machado. Sabe-se que ele foi encomendado pelo Prefeito à época, chamado José Cândido Souza Dias. Segundo relatos orais, Tirteo Zanon teria feito um primeiro castelinho, que foi instalado no local e por ali ficou durante um ano, aproximadamente. Entretanto, as autoridades não gostaram do estilo empregado em sua construção, solicitando a elaboração de outro castelinho. Vale ressaltar que a produção de “castelinhos” de Tirteo Zanon ficou famosa em todo o sul de Minas e encomendadas por prefeitos de toda a região, como Ipuiuna, Serrania, Nepomuceno e Poço Fundo.

O bem foi tombado como patrimônio cultural de Machado devido ao grande apreço que a comunidade tem por este bem, uma vez que está integrado a um importante espaço de sociabilidade da cidade de Machado. Das décadas passadas até os dias atuais, o Castelinho é entendido como importante cartão postal da cidade de Machado e estimado pelos cidadãos que nos grupos destinados à valoração e salvaguarda da história local, sempre o citam envolvido de afetividades e narrativas voltadas à sua estética que se destaca no centro machadense.

3. Documentação Cartográfica




Praça Antônio Carlos
Sem Escala
LEGENDA:
Bem Móvel e Integrado
Castelinho
Mapa Chave do Distrito Sede.
Sem Escala
MACHADO
Nov/2018
Indentificação:
Localização de Bens Tombados
AME Cultura
Prancha: 1/1

4. Diretrizes de conservação e restauração

As principais medidas de conservação são:

- As intervenções que agridem e descaracterizam a integridade do bem não poderão ser realizadas e demais intervenções deverão ser aprovados por este Conselho.

- As intervenções aprovadas devem sempre buscar a harmonia de todo o conjunto (de todos os elementos, castelinho, farol, torre e jardim) e também da Praça Antônio Carlos.

- Deverá ser feita uma manutenção e limpeza periódica do jardim, com colocação de plantas adequadas.

- Deverá ser feita uma manutenção da grade de fechamento, retirando as partes que estão oxidadas e fazendo uma nova pintura.

- Deverá ser feita uma manutenção e limpeza periódica do castelinho, torre e farol. Uma nova pintura também deverá ser providenciada, na sua cor original, prateado.

- Deverá ser feita uma manutenção no espelho d'água, para que este volte a funcionar.

- Deverá ser feita uma manutenção da iluminação, tanto do jardim quanto do interior do castelinho, farol e torre, para que ambos voltem a funcionar.

- A área onde se encontra a fiação deverá receber fechamento.

- Deverá ser instalado uma placa de divulgação de bem tombado, afim de conscientizar a população quanto a necessidade de preservação do bem.

5. Ficha Técnica

Agência Mineira de Entretenimento Eireli ME

Rua Astolfo Pio, nº 242, Centro | CEP: 37750-000 | Machado-MG | Tel.: (35) 3295-1544

www.amecultura.com.br | diretoria@amecultura.com.br

Representante legal: Platinny Dias de Paiva

Município de Machado

Prefeito: Julbert Ferre de Morais

Setor de Patrimônio | Secretaria de Cultura, Turismo e Esporte

Responsável pelo setor: João Alexandre Moura Oliveira

Rua João Miguel da Silva, nº 64 | CEP: 37750-000 | Tel.: (35) 3295-6757

Execução: (Setembro a Novembro/2018)

Levantamento: Bárbara Pereira Mançanares (Historiadora) / Byron Dias Costa Filho (Arquiteto) / Lorrana Negretti Ferreira Costa (Engenheira Civil) / Suzane de Souza Santos (Representante do setor)

Elaboração: Bárbara Pereira Mançanares (Historiadora) / Byron Dias Costa Filho (Arquiteto) / Lorrana Negretti Ferreira Costa (Engenheira Civil) / Platinny Dias de Paiva (bacharel em Direito)

Revisão e Finalização: Agência Mineira de Entretenimento Eireli

Bárbara Pereira Mançanares	Suzane de Souza Santos
Byron Dias Costa Filho	Lorrana Negretti Ferreira Costa

Agência Mineira de Entretenimento Eireli
Platinny Dias de Paiva

6. Referências bibliográficas

CAMPOS, Adalgisa Arantes. “A visão nobiliárquica nas solenidades do setecentos mineiro”. In: *Anais do X Encontro Regional de História- ANPH-MG Minas, Trezentos Anos. Mariana: UFOP/ ANPUH*: 1996, pp. 111-121.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais.* Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

CARVALHO, João Rodrigues. *História de Machado*. Belo Horizonte: Prefeitura Municipal de Machado,1985.

FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. “História e Análise de Textos”. IN: *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus,1997.

REBELLO, Ricardo Moreira. O município do Machado até a virada do milênio, tomo 1 e 2. Machado: 2006

SOUZA, Laura de Mello e Souza. *Opulência e miséria das Minas Gerais.* São Paulo: Brasiliense, 1981.

ZANON, Marília. Disponível em: https://maroma.wordpress.com/category/familia-zanon-nossas-raizes/. Acesso em 06 de outubro de 2018.

Acervo do grupo "Crias de Machado".

Acervo do grupo "Machado - Saudade e Nostalgia".

Acervo da Casa da Cultura.

Acervo da Prefeitura Municipal de Machado.

Entrevista realizada com José Marin por Bárbara Pereira Mançanares. Outubro de 2018.

7. Notificação

Município de Machado
Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado

Ofício Nº 01/2018

Machado, 16 de outubro de 2018.

De: Conselho Municipal do Patrimônio Cultural
Para: Prefeito Municipal de Machado – Julbert Ferre de Morais

Assunto: Ref. Comunicação de Aprovação da Proposta de Tombamento do Bem Móvel Integrado "CASTELINHO DE MACHADO"

Ilmo. Sr.,

O CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE MACHADO, representado por sua Presidente Suzane de Souza Santos, vem através deste NOTIFICAR a Vossa Excelência, nos termos da Lei Municipal nº 2.755/2017, a decisão unânime deste Conselho acerca da **aprovação da Proposta de Tombamento do Bem Móvel Integrado "CASTELINHO DE MACHADO"**, após regular processamento, por ser representante do proprietário do bem (Município de Machado).

Nos termos do artigo 21, da Lei nº 2.755/2018, fica Vossa Excelência NOTIFICADO para, no prazo de 30 (trinta) dias, anuir ao tombamento ou, se o quiser, impugnar, apresentando suas razões.

Nestes termos, junta-se esta.

Pede deferimento.

Atenciosamente,

RECEBIDO 16/10/18

Suzane de Souza Santos
Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado

Rua João Miguel da Silva, nº 64, Centro, Machado – MG – CEP: 37750-000
Tel: (35) 3295-6757 – E-mail: comunicacaoccetmachado@gmail.com

Município de Machado

DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

REGISTRO DO BEM MÓVEL INTEGRADO
"CASTELINHO DE MACHADO"

A Prefeitura Municipal de Machado, pessoa jurídica de direito público, inscrita no CNPJ sob nº 18.242.784/0001-20, com sede na Praça Olegário Maciel, nº 25, Centro, Machado/MG, neste ato representada por seu representante legal, Prefeito Municipal de Machado, Julbert Ferre de Morais, portador do CPF nº 011.029.926-40 e RG nº M 8.903.892 **DECLARA SUA ANUÊNCIA** ao Tombamento do "CASTELINHO DE MACHADO" como Patrimônio Cultural do Município de Machado.

Por ser verdade, firmo a presente.

Machado, MG, 16 de outubro de 2018.

Prefeitura Municipal de Machado
Julbert Ferre de Morais

Rua João Miguel da Silva, nº 64, Centro, Machado – MG – CEP: 37750-000
Tel: (35) 3295-6757 – E-mail: comunicacaoectmachado@gmail.com

8. Cópia da ata do Conselho aprovando

Ata da 13ª (décima terceira) reunião do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado – Dia 15 de outubro de 2018. Aos quinze dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezoito, ás 15h (quinze horas), na Casa da Cultura de Machado, na Rua João Miguel da Silva, número 64 (sessenta e quatro), Centro, Machado-MG, reuniram-se os membros do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado, para a 13ª (décima terceira) reunião deste conselho com a seguinte pauta: Aditivo no Processo de Licitação de Reforma da Casa da Cultura de Machado e dossiê técnico do processo de tombamento do "Castelinho". Estavam presentes na reunião os conselheiros titulares João Alexandre Moura de Oliveira, Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esporte; Suzane de Souza Santos, Diretora de Cultura e Turismo; Rejane de Lima Paulino Grillo, Assistente da Casa da Cultura de Machado; Fernando Augusto Lapa, representante de segmento cultural do município, música; Clayton Rogério Cassemiro, representante de segmento cultural do município, literatura, e Célio Cândido Alves, representante da Casa da Cultura. Iniciando a reunião, o Sr. João Alexandre Moura Oliveira, Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, cumprimentou a todos os conselheiros presentes e informou a pauta da reunião. Primeiramente, foi apresentada aos conselheiros proposta para aditivo no processo licitatório para reforma da Casa da Cultura (em anexo Memorial Descritivo, Planilha Orçamentária, Cronograma Físico-Financeiro e plantas do prédio, todos assinadas pelo engenheiro da Prefeitura responsável pela obra), o objetivo desse aditivo é trocar todas as telhas do telhado da Casa e do prédio anexo (CESEC), uma vez que apenas os reparos realizados não foram suficientes para conter as goteiras e vazamentos. O valor total do aditivo é de R$ 51.940,61 (cinquenta e um mil, novecentos e quarenta reais e sessenta e um centavos). Após deliberação o Conselho aprovou para que o aditivo seja financiado com os recursos do FUMPAC. Dando prosseguimento, foi colocado em análise e discussão o dossiê técnico do processo de tombamento do "Castelinho" localizado na Praça Antônio Carlos. Os conselheiros ressaltaram a importância do tombamento, em específico por se tratar de proposta do próprio conselho, prevista na ata da 7ª reunião ordinária, de 21 (vinte e um) de fevereiro de 2018 (dois mil e dezoito). Ressaltaram também que a proposta conta com requerimentos da Câmara de Vereadores para o tombamento. Em primeiro lugar, após discussão, decidiram os conselheiros por enquadrar o bem na categoria "Bem Móvel Integrado" à Praça Antônio Carlos. Em seguida, após discussão, estabeleceram as diretrizes para a conservação e restauração do bem, que será parte integrante do processo de tombamento. Após discussão, decidiram que o nome oficial para o bem seria "CASTELINHO DE MACHADO". Definidas estas questões, o Conselho decidiu pela aprovação do processo de tombamento do "CASTELINHO DE MACHADO". Nos termos do artigo 20 da Lei Municipal nº 2.755/2017, fica desde já estabelecido o Tombamento Provisório do bem, devendo a presente decisão ser publicizada através de Edital deste conselho, bem como seja efetivada a notificação ao Prefeito Municipal, representante legal do proprietário do bem (Município de Machado), para que tome ciência quanto ao tombamento e suas consequências e, em até 30 (trinta) dias, dê sua anuência ou, querendo, impugne o ato com as razões que lhe aprouver. Nada mais tendo a ser dito, eu Rejane de Lima Paulino Grillo, Secretária do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado, lavrei a presente ata que segue assinada pelos conselheiros presentes.

João Alexandre Moura Oliveira

Suzane de Souza Santos

Rejane de Lima Paulino Grillo

Clayton Rogério Cassemiro

Fernando Augusto Lapa

Célio Cândido Alves

Ata da 15ª (décima quinta) reunião do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado – Dia 19 de novembro de 2018. Aos dezenove dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito, às 15h (quinze horas), na Casa da Cultura de Machado, na Rua João Miguel da Silva, número 64 (sessenta e quatro), Centro, Machado-MG, reuniram-se os membros do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado, para a 15ª (décima quinta) reunião deste conselho com a seguinte pauta: Discussão e deliberação acerca da Execução do Inventário e sua divulgação; Deliberação acerca do Tombamento Definitivo do "Castelinho de Machado"; Discussão e deliberação acerca dos investimentos e despesas financeiras com recursos do FUMPAC. Estavam presentes na reunião os conselheiros titulares João Alexandre Moura de Oliveira, Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esporte; Suzane de Souza Santos, Diretora de Cultura e Turismo; Rejane de Lima Paulino Grillo, Assistente da Casa da Cultura de Machado; Fernando Augusto Lapa, representante de segmento cultural do município, música; Clayton Rogério Cassemiro, representante de segmento cultural do município, literatura, e Célio Cândido Alves, representante da Casa da Cultura. Iniciando a reunião, o Sr. João Alexandre Moura Oliveira, Secretário Municipal de Cultura, Turismo e Esporte, cumprimentou a todos os conselheiros presentes e informou a pauta da reunião. Primeiramente, os conselheiros analisaram a execução do inventário e sua divulgação. Após discussão, os Conselheiros aprovaram, sem ressalvas, a Execução do Inventário e sua Divulgação, bem como todos os seus itens e subitens. Os bens culturais inventariados foram: Sino da Igreja de São João Batista, Festa de São João Batista e Acervo do Cartório Civil e de Notas de Douradinho. Não foram identificados e priorizados para o ano de 2018 bens nas categorias Bens Imóveis – BI; Núcleos históricos urbanos – NH; Conjuntos Urbanos ou Paisagísticos – CP. O município se compromete a realizar pesquisas periódicas de identificação dessas categorias anualmente. A divulgação foi feita de maneira impressa e afixada nos murais de aviso da Prefeitura e de forma digital, no site da Prefeitura. Dando prosseguimento, os Conselheiros passaram a analisar o processo de tombamento do "Castelinho de Machado", bem móvel integrado à Praça Antônio Carlos. A Presidente informou que o Prefeito Municipal, representante legal do proprietário do bem, já havia sido notificado em 16 (dezesseis) de outubro do presente ano, após a decisão do Conselho pelo Tombamento na 13ª (décima terceira) reunião, além de ter declarado expressamente sua anuência. Os conselheiros então decidiram pelo Tombamento Definitivo do "CASTELINHO DE MACHADO", na categoria bem móvel integrado, solicitando-se à Presidente que comunique o Prefeito Municipal para homologação via Decreto Municipal, nos termos da Lei nº 2.755/2017, para posterior inscrição no Livro do Tombo Municipal. Dando sequência à pauta, os Conselheiros analisaram a execução do FUMPAC no atual período de ação e preservação. Após discussão, deliberaram pela ratificação e aprovação de todos os investimentos e despesas financeiras realizados com recursos do FUMPAC. Nada mais tendo a ser dito, eu Rejane de Lima Paulino Grillo, Secretária do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado, lavrei a presente ata que segue assinada pelos conselheiros presentes.

João Alexandre Moura Oliveira

Suzane de Souza Santos

Rejane de Lima Paulino Grillo

Clayton Rogério Cassemiro

Fernando Augusto Lapa

Célio Cândido Alves

9. Cópia da homologação do tombamento e comprovação de sua publicidade

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACHADO-MG
Praça Olegário Maciel, 25
Afixado no Saguão desta Prefeitura entre os dias 19/11 e 29/11 do corrente ano.
Machado 19 / 11 / 18
Rúbrica

Município de Machado
Praça Olegário Maciel, n° 25, Centro, Machado/MG
CEP: 37750-000 – Tel: (35) 3295-8703/8700

DECRETO Nº 5.812 DE 19 DE NOVEMBRO DE 2018.

Homologa o Tombamento do Bem Móvel Integrado "CASTELINHO DE MACHADO" e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de Machado, Estado de Minas Gerais, no uso de suas atribuições e em conformidade com o estabelecido na Lei Municipal nº 2.755/2017, decreta:

Art. 1º. Fica homologado o Tombamento do Bem Móvel Integrado "CASTELINHO DE MACHADO", do Município de Machado, sujeito às proteções estabelecidas pela Lei Municipal nº 2.755/2017.

Art. 2º. O Bem Cultural Integrado "CASTELINHO DE MACHADO" deverá ser inscrito no Livro do Tombo Municipal, nos termos da Lei Municipal nº 2.755/2017, com o consequente recebimento do título de "Patrimônio Cultural de Machado".

Art. 3º. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Machado, 19 de Novembro de 2018.

Julbert F. Morais
Julbert Ferre de Morais
- Prefeito Municipal -

10. Cópia da inscrição do bem no livro de Tombo

INSCRIÇÃO Nº 03

TERMO DE TOMBAMENTO
"CASTELINHO DE MACHADO"

"Aos vinte dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito (20/11/2018), procedo à inscrição do Bem Móvel e Integrado "CASTELINHO DE MACHADO" neste Livro do Tombo Municipal, conforme decisão unânime do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado pelo tombamento definitivo, em sua 15ª (décima quinta) reunião, de 19 de Novembro de 2018, homologado pelo Decreto Municipal nº 5.812 de 19 de Novembro de 2018. Nos termos da Lei Municipal nº 2.755/2017, fica conferido ao Bem o Título de 'Patrimônio Cultural de Machado'."

Suzane de Souza Santos
Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Machado